



REVISTA RTEP TURISMO ISSN: 2316-1493 ESTUDOS & PRÁTICAS

Artigo/Article

ESCRITA COMO EXPERIMENTAÇÃO: A CONTRIBUIÇÃO DA TEORIA ATOR-REDE

WRITING AS EXPERIMENTATION: THE CONTRIBUTION OF ACTOR-NETWORK THEORY

Raoni Borges Barbosa¹
Francisca Monteiro da Silva
Joana Karolyni Cabral Peixoto
Juliana de Moura
Luciane Barreto Araújo
Márcia Ellen Chagas dos Santos Couto
Tales Diogo Maia Morais
Ygo Biserra Pereira

Pesquisadores(as) do PRODEMA-UFERSA

RESUMO: A obra de Latour propõe uma reconfiguração profunda da sociologia ao questionar o significado do "social". O autor evidencia um estilo provocador e acessível, e utiliza metáforas e ironias para aproximar o leitor de uma nova forma de pensar as Ciências Sociais. Latour critica a rigidez da Sociologia Tradicional — que chama de "sociologia do social" — e propõe em seu lugar uma "sociologia das associações", base da chamada Teoria Ator-Rede (ANT). O presente artigo objetivou realizar uma análise panorâmica das cinco incertezas que embasam a Teoria Ator-Rede latouriana de modo a refletir sobre a escrita como experimentação. **Palavras-chave:** Latour, Teoria Ator-Rede, Cinco incertezas, Teoria Social Alternativa.

ABSTRACT: Latour's work proposes a profound reconfiguration of sociology by questioning the meaning of the "social." The author demonstrates a provocative and accessible style, using metaphors and irony to bring the reader closer to a new way of thinking about the social sciences. Latour criticizes the rigidity of traditional sociology—which he calls the "sociology of the social"—and proposes in its place a "sociology of associations," the basis of the so-called Actor-Network Theory (ANT). This article aimed to provide a panoramic analysis of the five uncertainties that underpin Latourian Actor-Network Theory in order to reflect on writing as experimentation. **Keywords:** Latour, Actor-Network Theory, Five uncertainties, Alternative Social Theory.

¹ Doutor em Antropologia. Professor Visitante do Programa de Pós-Graduação em Ambiente, Tecnologia e Sociedade da UFERSA.



INTRODUÇÃO

Bruno Latour (1947-2022) destacou-se como filósofo, sociólogo e antropólogo por seus estudos de ciência, tecnologia e sociedade ao propor uma “antropologia simétrica” da Modernidade. Pretendia, assim, aproximar metodologicamente etnografias realizadas em sociedades consideradas simples ou tradicionais e aquelas empreendidas em locais de produção científica, como os laboratórios das instituições acadêmicas e empresariais das sociedades complexas. Latour propôs também uma descrição simétrica dos modos de ação de seres humanos e não-humanos na composição do mundo – o que o tornou um reconhecido pensador das questões ecológicas contemporâneas (MARINI, 2023).

Em *Jamais fomos modernos. Ensaio de antropologia simétrica* (LATOUR, 1991), o pensador apresenta uma abordagem etnográfica das práticas científicas que o levam a formular críticas aos divisores cosmológicos modernos ‘natureza e cultura’, ‘indivíduo e sociedade’, ‘sujeito e objeto’, ‘racionalidade e poder’, ‘ciência e sociedade’ – fundamentais para o pensamento científico oficial. Porém, enfatiza Latour veementemente, a etnografia nos recintos mesmos de produção da representação científica do mundo aponta como essas oposições binárias não se sustentam em suas práticas cotidianas, o que Latour caracteriza como “o caráter oficioso” da modernidade. Neste seu conhecido manifesto tanto ético-político quanto científico, Latour defendeu o argumento que a Antropologia poderia dissolver a cisão entre os “modernos” e os “outros” ao voltar-se para o “centro”, isto é, para os locais onde a construção da autoridade, da verdade e dos fatos científicos são gestados em redes de humanos e não-humanos, abrangendo as associações, as coisas, os discursos e as ações.

Na trajetória deste pensador, cabe enfatizar ainda que, em 1975, quando convidado para realizar uma etnografia em laboratório de neuroendocrinologia, Latour afastou sua atenção das verdades estabelecidas (os supostos fatos duros da Ciência), direcionando-a para as práticas coletivas dos cientistas, com destaque original para as práticas textuais, como a criação de inscrições e gráficos a partir dos experimentos de bancada. Latour passa, então, a defender que não há uma Natureza, em essência, fora dos laboratórios, mas vindo esta justamente a ser o produto circunstancial que emerge das manutenções e estabilizações operadas pela rede de humanos e não-humanos através dos testes, inscrições e publicações, cuja forma final é o fato científico. Latour, em sua escrita como experimentação, escreveu sobre o Antropoceno, as mudanças climáticas e as misturas de fatores não humanos e atividades humanas nos híbridos tão necessários quanto ocultados da Modernidade. Por defender, nesse diapasão, a construção, e não a descoberta, dos fatos científicos, Latour foi acusado de relativismo por seus pares mais afeitos à lógica cartesiana de definir a Ciência.

Em *Reagregando o Social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede* (2012), Bruno Latour propõe uma ruptura epistemológica com as abordagens tradicionais das ciências sociais, deslocando o foco do “social como substância” para o “social como movimento, associação e rede”. Nesse contexto, as “cinco fontes de incerteza” constituem um eixo metodológico e teórico fundamental que desestabiliza as categorias fixas da sociologia clássica e propõe um modo alternativo de compreender a realidade social como um processo dinâmico, híbrido e interconectado.

A sociologia, com efeito, desde a sua concepção disciplinar científica primária, tem buscado analisar os fenômenos sociais e culturais sob a pressuposição de que o



"social" constitui um domínio estável, concreto, isto é, um caminho lógico capaz de explicar fenômenos diversos, tais como: religião, desenvolvimento ou decadência econômica, e até mesmo a política em todas as suas instâncias. Nessa perspectiva, a sociologia "se apressa" em resolver os desafios "sociais", ao invés de buscar entendê-los com a minúcia necessária.

Latour (2012), com esse entendimento, aponta para um provável enfraquecimento, um esgotamento prático e conceitual deste paradigma, pois, para ele, a sociologia não conseguiu cumprir com o que se propôs inicialmente, uma vez que acabou transformando o conceito do social em algo redundante, banalizado, ou seja, utilizado equivocadamente para descrever várias coisas simultaneamente. O adjetivo "social" passou a designar contraditoriamente tanto um movimento de associação e reagregação quanto um tipo específico de fenômeno objetificado.

Como alternativa a esta noção do "social", que já não consegue responder aos questionamentos teóricos frente às complexidades do cotidiano, em sua concepção científica, Latour propõe uma nova visão sociológica, a Sociologia das Associações (a ANT), que não buscaria a substituição da sociedade por outra força explicativa, pois não seria apenas a troca de um elemento, mas sim o redefinir o social como algo que interage com todos a todo instante e em todas as suas partes e subpartes, algo entrelaçado, que só estaria visível através da compreensão das conexões, uma espécie de rede, mesmo entre os elementos tidos como heterogêneos e não visíveis. Para que essa redefinição sociológica fosse metodologicamente viável, o cientista social deveria abraçar e, concretamente, juntar cinco fontes de incertezas sobre a constituição do mundo: estas incertezas não são deficiências, mas sim pontos de partida fundamentais que justificam uma abordagem multifacetada da ANT, que visa compreender a complexa interconexão da sociedade-natureza e natureza-cultura moderna.

Na obra "Reagregando o social", portanto, Bruno Latour (2012) propõe um reposicionamento do conceito de "social". Sua intenção não é apenas reformular um termo, mas questionar a forma tradicional de pensamento que isolou o social como uma esfera autônoma, separada da natureza, da técnica e dos objetos. "O que vem ser a sociedade?", "o que significa a palavra social?" Latour sugere que o "social" não é uma substância nem uma dimensão fixa da realidade, mas um movimento constante de associações entre elementos heterogêneos, humanos e não-humanos. A partir dessa redefinição, ele justifica a Actor-Network Theory (ANT) ou de forma traduzida, Teoria Ator-Rede, como um novo modo de compreender a sociedade moderna e suas interações com o mundo natural e técnico. Em vez de imaginar uma "sociedade" estável e independente, Latour propõe que observemos as conexões em ação, acompanhando os vínculos que compõem e recompõem continuamente o social.

A ANT se apoia, portanto, em cinco incertezas fundamentais, que servem como guias metodológicos para repensar a relação entre sociedade e natureza. Na teoria ANT a tarefa de definir e ordenar o social é deixada para os próprios atores, sem impor padrões ou disciplinar e enquadrá-los, mas sim por meio do rastreamento de conexões entre as próprias controvérsias e não tentar decidir como resolvê-las. As relações são melhor explicadas quando se encontra um meio de registrar os vínculos entre os quadros de referência instáveis e mutáveis em vez de tentar estabilizar um deles pois "o terreno firme é achado sobre areias movediças".

A Teoria do Ator-Rede (ANT) rompe, portanto, com a sociologia tradicional, que tende a ver os grupos, as instituições e as estruturas como dados prontos e permanentes. Latour propõe que se observe o social em movimento, como algo que está sempre sendo feito e desfeito. Nesse sentido, ele organiza seu pensamento em torno de



cinco incertezas que devem orientar o olhar do pesquisador: a incerteza sobre a natureza dos grupos, da ação, dos objetos, dos fatos e do modo de conhecer e escrever sobre o social.

AS QUATRO PRIMEIRAS INCERTEZAS DA ANT

Não há grupos, apenas formação de grupos

Latour inicia sua análise com um gesto provocador: ao afirmar que não há grupos, mas apenas processos de formação de grupos, ele desarticula uma das bases mais consolidadas da teoria social — a ideia de que a sociedade é um conjunto de agrupamentos relativamente estáveis. Para ele, o que existe é o movimento incessante de atores que compõem, descompõem e reconfiguram alianças, instituições e coletivos. A partir de exemplos cotidianos, como as notícias de um jornal, Latour demonstra que a experiência social é atravessada por uma multiplicidade de formas de agrupamento que coexistem, se sobrepõem e se contradizem. Ao mesmo tempo em que executivos, políticos, artistas ou movimentos sociais reivindicam identidades coletivas, outros grupos se fragmentam, se redefinem ou desaparecem.

Desse modo, o autor recusa a ideia de que existam grupos “naturais” ou “dados”, ressaltando que cada coletivo é resultado de práticas contínuas de enunciação, negociação e mediação. Assim, grupos não são realidades ontológicas, mas efeitos de redes de associações. Cada vez que um grupo é mencionado, ele está sendo (re)feito — por meio de discursos, documentos, práticas e tecnologias que o sustentam temporariamente. Essa perspectiva dissolve a fronteira entre o analista e o fenômeno, pois o pesquisador também participa, ao descrever, da própria constituição dos grupos. A objetividade, nesse sentido, não é alcançada pela distância, mas pela atenção às mediações e às controvérsias que compõem o social.

No campo ambiental, essa incerteza é particularmente fecunda: o “grupo dos ambientalistas”, por exemplo, não é um bloco homogêneo, mas um emaranhado de atores humanos e não humanos — cientistas, políticas públicas, espécies, tecnologias, instrumentos jurídicos e práticas locais — em constante rearranjo. Reconhecer essa fluidez permite compreender os conflitos socioambientais não como disputas entre blocos fixos, mas como processos de negociação e tradução entre múltiplos agentes.

Latour questiona o costume dos cientistas sociais de iniciar uma pesquisa determinando previamente a existência de certos grupos — “classe trabalhadora”, “elite política”, “comunidade científica”, “movimentos sociais” — como se esses fossem dados naturais e incontestáveis. Para ele, isso significa ignorar o próprio trabalho que os atores realizam para formar, manter ou redefinir essas fronteiras. Os grupos não são dados a priori, mas resultados de um trabalho contínuo de agrupamento e desagrupamento, no qual os próprios atores — e não apenas os pesquisadores — exercem papel ativo.

Esse raciocínio conduz a uma postura metodológica distinta: em vez de decidir de antemão quais grupos estudar, o pesquisador deve seguir os atores, rastreando suas associações, alianças, mediações e controvérsias. Isso significa que a sociologia, para Latour, deve abandonar a pretensão de ser uma ciência que “revela” estruturas ocultas e assumir-se como uma ciência empírica do rastreamento das conexões que produzem o social.



A ação é assumida

A partir da primeira fonte, Latour introduz a segunda: “a ação é assumida”, isto é, nenhuma ação é puramente individual. Todo agir é um efeito de rede, composto por associações heterogêneas de mediadores que compartilham e transformam a capacidade de agir. A ação, portanto, é distribuída — e não concentrada em um sujeito autônomo ou em uma estrutura determinante. Essa segunda incerteza aprofunda a anterior, pois, se os grupos não são entidades fixas, tampouco os atores são unidades isoladas. O ator, na Teoria do Ator-Rede, é definido como “aquele que faz outros agirem” — um ponto de passagem de forças e mediações, um efeito de traduções recíprocas. Latour rompe, assim, com o dualismo sujeito/objeto e substitui a causalidade linear pela causalidade associativa.

No contexto socioambiental, essa noção ressignifica a própria ideia de agência. O desmatamento, por exemplo, não é simplesmente resultado da “ação humana”, mas do entrelaçamento de múltiplos actantes: motosserras, legislações, mercados internacionais, satélites, discursos políticos e resistências locais. O social, aqui, emerge como uma rede de conexões instáveis, em que a ação é sempre coproduzida. A primeira e a segunda incerteza, portanto, articulam-se para propor um novo realismo sociológico: o pesquisador não deve buscar o “grupo verdadeiro” nem o “agente essencial”, mas descrever as trajetórias e alianças que fazem existir tanto grupos quanto ações. Trata-se de uma sociologia das associações — e não das essências.

Na segunda incerteza – “A ação é assumida” – Latour desloca a atenção do “que é o social” para “quem age e como age”. Se na primeira incerteza ele questiona a estabilidade dos grupos, nesta ele coloca em dúvida a própria natureza da ação. A questão fundamental passa a ser: quando agimos, quem realmente está agindo? Essa pergunta, aparentemente simples, desestabiliza o modo como as ciências sociais tradicionalmente compreendem a agência humana e os vínculos entre sujeitos, estruturas e objetos.

Latour afirma que a ação nunca é totalmente controlada pela consciência, nem pode ser reduzida à vontade individual, às forças sociais ou às determinações estruturais. A ação, para ele, é sempre composta, mediada e distribuída — um entrelaçamento de múltiplos agentes humanos e não humanos. Por isso, diz-se que a “ação é assumida”, isto é, sempre assumida por outros. Quando alguém realiza algo, o ato é sustentado, permitido ou transformado por uma rede de elementos — objetos, discursos, instituições, tecnologias, normas, ambientes — que também participam ativamente da ação.

Essa compreensão rompe com a ideia de que o ator é a fonte isolada da ação. Na Teoria do Ator-Rede, o ator é, na verdade, aquele que é levado a agir por um conjunto de outros agentes que se articulam e o influenciam. Assim, o termo “ator-rede” expressa essa dupla condição: o ator é simultaneamente ponto de passagem e produto de uma rede que o constitui. Ele não é a origem do ato, mas o nó de uma rede de mediações que tornam a ação possível.

Latour propõe que a sociologia abandone o hábito de atribuir as causas da ação a “forças sociais”, “estruturas”, “cultura” ou “indivíduos”. Esses conceitos, quando tratados como entidades explicativas, empobrecem a análise, pois simplificam o que é, na verdade, uma trama complexa de mediações. Para ele, a ação deve ser vista como um acontecimento incerto, imprevisível e sempre sujeito a deslocamentos: ela é “traduzida, traída, desviada, distribuída, sugerida”. A ação nunca é pura; é sempre mediada.



Essa ideia tem implicações metodológicas profundas. Em vez de buscar causas gerais que determinem os efeitos (como nas explicações clássicas do tipo “causa e consequência”), Latour propõe seguir os mediadores, ou seja, os elementos que transformam, reinterpretem e redistribuem a ação. Enquanto o intermediário transmite algo sem modificá-lo, o mediador cria diferença, altera o curso da ação, introduz novas possibilidades. Nesse sentido, o mundo social é composto por uma cadeia de mediadores, e cada ponto dessa rede “age plenamente”, contribuindo para a formação do coletivo.

A segunda incerteza também nos convida a reconhecer que a ação não é localizada. Ela não pertence a um único nível — nem ao micro (indivíduo), nem ao macro (estrutura) —, mas circula, conecta, se desloca. A ação é um fenômeno disseminado e heterogêneo, cuja complexidade exige uma sociologia empírica que descreva o que efetivamente acontece, em vez de impor categorias fixas para explicá-lo. Latour enfatiza que o papel do cientista social não é “revelar” forças ocultas por trás das ações, mas acompanhar as controvérsias e descrever as conexões que tornam o agir possível.

Nesse contexto, a expressão “ação assumida” significa que ninguém age sozinho. Toda ação é compartilhada, sustentada e redefinida em rede. Um pesquisador que liga um computador para escrever um artigo depende de inúmeros mediadores — energia elétrica, software, normas acadêmicas, instituições científicas, língua, leitores imaginados — que o fazem agir. A agência, portanto, é relacional e distribuída, nunca propriedade exclusiva de um sujeito.

Em oposição à sociologia crítica, que busca desmascarar as ilusões e revelar forças sociais ocultas, Latour propõe uma sociologia das associações, voltada a compreender como as ações se compõem, se deslocam e se transformam. O foco não está em “corrigir” os atores, mas em segui-los — acompanhar suas próprias teorias, justificativas e modos de ação. Os atores, humanos ou não, são vistos como “bons metafísicos práticos”, capazes de produzir explicações e interpretações complexas sobre o mundo em que vivem.

Assim, a segunda fonte de incerteza — a ação — nos obriga a abandonar a ideia de controle, previsibilidade e causalidade linear. A ação, para Latour, é um acontecimento plural, feito de deslocamentos e traduções constantes. Compreendê-la exige aceitar sua ambiguidade e sua multiplicidade, reconhecendo que o social é tecido por uma rede densa de mediações. Em suma, a ação é sempre coletiva, distribuída e incerta — o verdadeiro ponto de partida para quem deseja compreender como o mundo social se faz e refaz continuamente.

Os objetos também agem

Na terceira fonte de incerteza – “Os objetos também agem”, o autor propõe uma mudança profunda na forma como compreendemos a ação e o poder nas relações sociais. Depois de questionar, na segunda incerteza, a ideia de que a ação é exclusivamente humana e intencional, Latour amplia ainda mais o horizonte analítico: os objetos também participam ativamente da produção do social. A tese central dessa terceira incerteza é que os objetos não são neutros, passivos ou meramente instrumentais. Eles não apenas “servem” aos humanos, mas exercem agência, no sentido de que modificam situações, produzem efeitos e influenciam o curso das ações. O martelo que molda o prego, a fechadura que regula o acesso a um espaço, o termômetro que mede e define o que é “febre”, o computador que condiciona modos de trabalho —



todos esses objetos fazem diferença no modo como as relações sociais se organizam e se estabilizam.

Latour afirma que a sociologia tradicional ficou “sem objetos” porque, desde o século XIX, as ciências sociais separaram o mundo material do mundo social. Aos engenheiros e cientistas foi concedido o domínio das “coisas”, enquanto os sociólogos se ocuparam das “significações”, “intenções” e “relações humanas”. Essa divisão resultou em uma sociologia simbólica e abstrata, que ignora a materialidade das relações e a força mediadora dos artefatos técnicos. Assim, quando as ciências sociais falam em “estrutura”, “cultura”, “sociedade” ou “poder”, muitas vezes estão apenas invocando uma entidade mágica que explica tudo e nada ao mesmo tempo — sem mostrar os mediadores concretos que tornam possível a durabilidade e a estabilidade dessas estruturas.

A crítica de Latour, portanto, dirige-se à ideia de que o poder ou a dominação seriam forças sociais puras, autossuficientes. Ele argumenta que o poder não é um reservatório, mas um resultado, algo que se faz e se mantém com a ajuda de mediadores materiais. As desigualdades, hierarquias e assimetrias sociais não são propriedades imateriais da “sociedade”, mas produtos concretos de redes que combinam humanos e não-humanos. Um documento, uma lei escrita, uma arma, um sistema de vigilância, um algoritmo ou uma estrada pavimentada — todos são mediadores que estabilizam relações de poder e tornam as assimetrias duráveis. Por isso, Latour afirma que, para compreender o social, é necessário aumentar o número de atores. Não basta seguir apenas os humanos: deve-se seguir também os objetos que participam da ação. A regra da Teoria Ator-Rede é simples: qualquer coisa que faça diferença em um estado de coisas é um ator (ou “actante”, termo usado para incluir entidades não humanas). A pergunta fundamental passa a ser: o que faz diferença no curso da ação? Se algo modifica uma situação, impede, facilita ou transforma um evento, então ele participa ativamente da rede.

Essa proposição tem implicações epistemológicas e políticas relevantes. Epistemologicamente, significa abandonar a dicotomia entre natureza e sociedade, entre materialidade e simbolismo, reconhecendo que o mundo é feito de híbridos — associações heterogêneas de pessoas, coisas, discursos, instituições e tecnologias. Politicamente, significa reconhecer que os objetos têm papel na produção e manutenção das desigualdades, pois são eles que dão consistência e durabilidade ao poder.

Latour exemplifica sua crítica recorrendo ao estudo dos babuínos de Shirley Strum. Entre esses primatas, as relações sociais são constantemente negociadas, frágeis e mutáveis. O “poder” depende do esforço contínuo de interação e vigilância. Entre os humanos, no entanto, há algo mais: os objetos entram em cena para sustentar as relações, prolongar alianças, consolidar hierarquias. São eles que mantêm o poder funcionando mesmo na ausência dos atores. Uma lei escrita, por exemplo, “age” mesmo quando o legislador não está presente; um semáforo organiza comportamentos sem necessidade de autoridade visível; um medicamento regula corpos e doenças; um documento garante posse, propriedade, dívida ou cidadania.

Dessa forma, Latour propõe uma sociologia simétrica, em que humanos e não humanos são analisados com o mesmo status ontológico. Não se trata de atribuir consciência ou intencionalidade aos objetos, mas de reconhecer sua capacidade de agir no mundo — de influenciar, condicionar, intermediar e estabilizar as práticas sociais. A ação, portanto, é sempre coletiva, distribuída e materialmente mediada. Ao reintegrar os objetos ao pensamento sociológico, Latour redefine o próprio significado de “social”. O social não é um domínio específico da realidade — como uma substância ou esfera



separada —, mas um movimento de associação, um processo de ligação e tradução entre entidades heterogêneas. Falar em sociedade é, então, descrever como diferentes agentes — humanos e não humanos — se associam para produzir certas formas de estabilidade e sentido.

Em síntese, a terceira fonte de incerteza revela que o social não existe sem o material, e que os objetos também são agentes no processo de constituição do mundo coletivo. Ignorar essa dimensão é manter a ilusão de uma sociedade “autogerada” e “autoexplicativa”, uma ficção sustentada pelo pensamento sociológico moderno. A Teoria Ator-Rede, ao contrário, convida-nos a “seguir os atores enquanto enveredam pelo meio das coisas” — a ver o poder, a dominação e a própria vida social como o resultado de redes híbridas em que humanos e não-humanos se co-constituem continuamente.

Na terceira fonte de incerteza, Latour leva a radicalidade da ANT a seu ponto máximo ao afirmar que “os objetos também agem”. Ao incluir os não humanos como participantes das redes sociais, ele rompe com o antropocentrismo da sociologia moderna. Os objetos — tecnologias, infraestruturas, organismos, documentos, máquinas — não são simples meios passivos, mas mediadores ativos que transformam a ação e condicionam os modos de existência coletiva. Essa proposição é crucial para compreender a ecologia política contemporânea. O aquecimento global, por exemplo, não é apenas um “problema humano”, mas o efeito de uma multiplicidade de agentes não humanos — gases, oceanos, satélites, instrumentos de medição — que interferem nas práticas políticas e cognitivas. O social, assim, é híbrido: feito de humanos e não humanos em simbiose. A relação com a primeira fonte é evidente: se não há grupos fixos, é porque a própria composição dos coletivos envolve continuamente novos elementos materiais e tecnológicos. Cada inovação, cada política ambiental, cada mudança climática reconfigura os grupos em jogo. O social é, portanto, uma ecologia de mediações.

Questão de fato vs. questão de interesse

Para tratar sobre a quarta incerteza, Latour discorre sobre o “construtivismo vs. construtivismo social” e sobre o significado de dizer que algo era “construído” para algo artificial que foi criado, inventado. Entretanto, de acordo com a Constituição Moderna, os fatos científicos aparecem como pertencentes ao campo da Natureza, de modo que eles são descobertos, ao invés de construído. Dessa forma, eles existiriam independentemente da sociedade. Assim, ele propõe que o construtivismo não deve ser confundido com o construtivismo social já que, de acordo com a ANT, os fatos são o resultado de complexas redes de laboratório, instrumentos, alianças e controvérsias. Eles não são “naturais” (puros da sociedade) nem “socialmente construídos” (puros da natureza), são híbridos.

A ANT estuda a produção dos fatos, mostrando como a ciência, longe de ser o polo oposto da sociedade, é o local por onde natureza e cultura são montadas e estabilizadas juntas. O desenvolvimento dos estudos de ciência e tecnologia revelou que a teoria social tradicional falhou ao tentar explicar sociologicamente os fatos científicos assim como os cientistas, enquanto atores, resistiram à explicação social, provando que a causalidade social não era capaz de substituir o objeto explicado. Essa falha foi vista pela ANT como uma oportunidade que forçou a desconstrução dos conceitos modernos de Sociedade pura e Natureza pura. Assim, Latour traz o conceito de “sociologia da tradução” com o termo tradução refletindo uma relação em que dois mediadores são induzidos a coexistirem de modo que o que existem são traduções entre.



A ANT, portanto, foca em questões de interesse em vez de questões de fato, onde as questões de interesse mostram que a realidade é múltipla (metafísica) antes de ser unificada (ontologia). Não se trata de uma simples sociologia da ciência, mas de concluir que o social nunca explicou nada; é ele que tem de ser explicado pela rastreabilidade das traduções entre mediadores.

Na quarta fonte de incerteza, Latour desloca o foco da oposição entre “fato” e “interpretação” para a noção de questões de interesse (matters of concern). Ele propõe que o pesquisador abandone a ideia de que o mundo é composto de “questões de fato” — entidades fixas, neutras e já resolvidas — e o encare como um conjunto de controvérsias, nas quais diferentes atores mobilizam recursos, valores e saberes para estabilizar suas versões da realidade. A “formação de grupos”, portanto, está sempre ligada a “formações de fatos”. Um grupo se forma quando algo está em disputa — um rio contaminado, uma espécie ameaçada, uma decisão judicial — e mobiliza múltiplos actantes em torno de um problema comum. Descrever o social é, então, descrever as controvérsias que tornam o mundo público e plural. Essa incerteza reforça o caráter empírico e aberto da ANT: o pesquisador deve rastrear os modos de fabricação do real, reconhecendo que toda estabilização é provisória e politicamente situada. Assim, a primeira fonte (a formação de grupos) é inseparável da quarta (as questões de interesse): ambas descrevem processos de composição — de coletivos e de verdades — em um mundo em permanente negociação.

ESCRITA COMO EXPERIMENTAÇÃO: A QUINTA INCERTEZA

A modernidade estabeleceu uma cisão profunda entre natureza e sociedade, cultura e técnica, humano e não-humano. Essa separação, que orientou o pensamento científico e filosófico desde o século XVII, posicionou o ser humano como sujeito do conhecimento e a natureza como objeto de estudo. No entanto, a proposta de Bruno Latour (2012) com a Teoria Ator-Rede (ANT) rompe com esse paradigma dualista, oferecendo uma nova abordagem para entender o social. Para Latour, o social não é mais visto como uma substância autônoma ou um reflexo das relações humanas, mas sim como uma rede de associações heterogêneas que envolvem tanto humanos quanto não-humanos.

Em *Reagregando o Social: Uma Introdução à Teoria do Ator-Rede* (2012), Latour expõe cinco fontes de incerteza que atravessam o trabalho das ciências sociais. Entre elas, a quinta incerteza, que se refere à escrita e aos relatos como espaços de experimentação, ocupa um papel central. A escrita, para Latour, não se limita a um meio de comunicação dos resultados, mas é o próprio laboratório do cientista social, onde o social é formulado, analisado e tornado visível (LATOUR, 2012, p. 183). Este estudo aprofunda, assim, a análise da quinta incerteza, argumentando que o ato de escrever constitui um elemento estruturante no processo científico de Latour. A partir dessa premissa, o texto sustenta que a ANT oferece uma alternativa compreensiva à dicotomia moderna entre sociedade-natureza e natureza-cultura, ao propor uma ciência que aceita a complexidade, a multiplicidade e a mediação como fundamentos epistemológicos.

A Escrita como Constituinte do Processo Científico

Para Latour (2012, p. 186), a escrita transcende a simples função de registrar descobertas; ela representa o próprio espaço onde o trabalho científico se realiza. O método científico, longe de ser dissociado de suas formas de inscrição (tabelas, gráficos,



relatórios, artigos) depende dessas formas para organizar e estabilizar as redes entre os atores humanos e não-humanos. Desse modo, a escrita se torna o meio por meio do qual as redes são compostas, traduzidas e tornam-se inteligíveis. Essa concepção desafiadora rompe com a noção tradicional de objetividade, a qual é ancorada na neutralidade e na separação entre sujeito e objeto. Em vez de uma ciência que busca apagar as marcas de sua produção, Latour propõe uma epistemologia da composição, em que o conhecimento surge da intersecção de práticas materiais e discursivas. A escrita, portanto, não é um instrumento de representação, mas de mediação. Escrever é, de fato, compor o social, e não apenas descrevê-lo. Dessa maneira, o cientista social assume o papel de artesão de relatos, engajado ativamente na constituição do mundo que estuda. O pesquisador não deve simplificar a realidade, mas abrir as controvérsias, evidenciar as mediações e permitir que os próprios atores se expressem por meio do texto. O relato bem elaborado revela conexões e incertezas, sem que essas sejam reduzidas a leis universais ou teorias totalizantes.

A "Lentociologia" e o Compromisso com a Complexidade

A quinta incerteza se relaciona estreitamente com o conceito de lentociologia, termo cunhado por Latour (2012, p. 187) para criticar a necessidade de uma sociologia acelerada, que busca explicações generalistas e simplificadas. Em oposição, a ANT valoriza a descrição detalhada e paciente das associações, exigindo tempo e precisão. Essa lentidão metodológica não deve ser vista como um obstáculo, mas como uma virtude epistemológica. Ela permite ao pesquisador acompanhar os atores em seus próprios termos, sem impor categorias externas. O pesquisador deve seguir os rastros das interações, observando como as redes se formam e se transformam de maneira única. A objetividade, assim, não provém da abstração e generalização, mas da precisão descritiva. Como Latour (2012, p. 190) argumenta, "a verdade científica é menos uma questão de correspondência e mais uma questão de composição", em que o conhecimento é construído pela articulação de elementos heterogêneos que tornam suas conexões legíveis.

O Texto como Laboratório e a Redefinição da Objetividade

Latour (2012, p. 195) redefine a função da escrita científica ao considerá-la como um laboratório de experimentação, no qual as redes se manifestam e as conexões são postas à prova. O ato de escrever torna-se, assim, uma experimentação contínua com palavras, conceitos e descrições, buscando formas de tornar o social perceptível. A rede, para Latour, não é um objeto que está "lá fora" esperando para ser descrito; ela é construída no texto, à medida que o pesquisador desdobra as interações e as traduz em linguagem. Com essa redefinição, a objetividade científica deixa de ser baseada na neutralidade e se torna uma objetividade situada, alcançada por meio de práticas rigorosas de documentação e descrição. A credibilidade do relato não reside na ausência do autor, mas na transparência do processo de pesquisa, na clareza com que o texto expõe como o conhecimento foi produzido.

A Escrita como Mediação Entre Natureza e Sociedade

A relevância da quinta incerteza se torna evidente ao se observar seu papel na superação da dicotomia entre natureza e sociedade. Para Latour (1994, p. 42), a



modernidade construiu uma "Constituição" que separa os fatos naturais das construções sociais. No entanto, a prática científica e tecnológica revela que essa separação é ilusória, pois laboratórios, máquinas, redes e políticas são coletivos híbridos compostos por elementos humanos e não-humanos. A escrita assume, nesse contexto, o papel de mediadora, visibilizando esses híbridos. Ela atua como o elo entre natureza e sociedade, pois registra, traduz e estabiliza as mediações que constituem o real. Quando o cientista escreve um artigo ou relatório, ele faz existir o fenômeno descrito, conectando o material ao simbólico, o técnico ao social. Assim, a quinta incerteza se revela não apenas como uma questão metodológica, mas como uma questão ontológica: o mundo se manifesta como coletivos em constante composição, visíveis apenas por meio dos relatos (LATOUR, 2012, p. 198).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As cinco incertezas propostas por Latour mostram que o social é um conjunto de relações em constante movimento. Não há grupos fixos, ações isoladas ou objetos neutros, pois tudo se constrói nas interações entre humanos e não humanos. As questões de fato e o próprio ato de escrever fazem parte desse processo, pois é na escrita que o social se torna visível. Assim, compreender o mundo significa acompanhar as conexões que o formam, aceitando a incerteza como parte essencial do conhecimento e da vida coletiva. Apesar da complexidade de sua proposta teórica, o pensamento de Latour oferece uma contribuição essencial para os estudos em Meio Ambiente e Desenvolvimento, ao desafiar fronteiras entre natureza e sociedade e propor uma visão integrada, relacional e crítica sobre as formas de existência que compõem o mundo contemporâneo.

A quinta incerteza apresentada por Bruno Latour, em especial, oferece uma chave para repensar as ciências sociais, a sociedade e a escrita acadêmica. Ao definir o texto como o laboratório do cientista social, Latour desloca a produção de conhecimento da representação para a composição, com a escrita tornando-se o espaço onde o social é formulado por meio das associações entre humanos e não-humanos. Essa abordagem desafia a separação moderna entre sujeito e objeto, natureza e cultura, e propõe uma ontologia das relações, onde humanos, técnicos e discursos desempenham um papel ativo na construção do mundo comum.

A ANT oferece uma alternativa compreensiva à modernidade ao substituir a dicotomia entre sociedade e natureza pela compreensão de redes complexas e híbridas. Em seu compromisso com uma ciência lenta, descritiva e composicional, Latour inaugura uma ética do conhecimento fundamentada no cuidado, precisão e responsabilidade. A quinta incerteza, longe de ser um obstáculo, torna-se um motor para a ANT, permitindo à escrita revelar a entrelaçada conexão entre a sociedade e a natureza, a cultura e a técnica, e o mundo da linguagem e do real.



REFERÊNCIAS

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social**: uma introdução à Teoria do Ator-Rede. Tradução de Gilson César Cardoso de Sousa. Salvador: EDUFBA; Bauru: EDUSC, 2012.

MARINI, Marisol; BAILÃO, André S. "Bruno Latour". In: **Enciclopédia de Antropologia**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia, 2023. Disponível em: <https://ea.fflch.usp.br/autor/bruno-latour>

Cronologia do Processo Editorial

Editorial Process Chronology

Recebido em: 01/10/2025

Aprovado em: 13/11/2025

Received in: October 01, 2025

Approved in: November 13, 2025